

Prot. Nº 73/2025

Puente la Reina, 21 de setembro de 2025

Na véspera da memória do
Beato João Maria da Cruz, scj

Querido irmão:

Não são poucos os que dizem que a história se repete. Da minha parte, acredito que sim, há uma série de “ingredientes” (políticos, sociais, religiosos, ideológicos, econômicos...) que regularmente se apresentam ao longo do tempo que habitamos nós, humanos, e ao qual chamamos história. Em 1936, esses ingredientes foram dispostos de um modo que, em nosso 2025, vemos preocupados como reaparecem: Rússia-Ucrânia, Israel-Gaza, terrorismo, programas sociais, agendas legislativas, populismo, políticas tarifárias, imigração, mudanças climáticas, pandemias... A questão continua sendo quais combinações e misturas fazemos com eles nos fornos do dia a dia. Certamente, trata-se sempre de ver se aprendemos algo das crueldades que padeceram nossos antepassados.

Dando continuidade à recordação que nos fazia o Pe. Pablo José Muñoz Zapirain, delegado provincial para as causas de beatificação e canonização, em sua carta do último dia 15 de setembro, o padre João Maria da Cruz celebrará, no próximo 11 de março de 2026, o seu 25º aniversário como beato e o 90º de seu martírio, em 23 de agosto. Não são aniversários quaisquer! Creio que esta véspera de sua memória é um bom momento para que cada um de nós faça um pequeno balanço da presença do beato nas diferentes esferas de nossa vida espiritual, comunitária e apostólica; por exemplo, que significado tem hoje a sua figura em tua vida religiosa dehoniana e em teu ministério apostólico?

Por que fazer esta pergunta? Eu mesmo a fiz, ajudado por uma reflexão recente do arcebispo de Oviedo sobre os mártires das Astúrias de 1934. E sim...

O beato João Maria é um irmão nosso que entregou a vida, podendo tê-la conservado, bastando apenas não ter aberto a boca naquele barril de pólvora que era Valência, naquela loucura desencadeada na praça diante da igreja de S. João.

O beato João Maria é um nosso irmão em quem foi reconhecido o exercício de um daqueles gestos de suprema liberdade que só são possíveis quando atua a graça de Deus.

O beato João Maria é um nosso irmão condenado sumariamente, sem nenhuma garantia jurídica, por um motivo incompreensível e no qual a justiça legal não é competente: a crença e a vivência religiosa.

O beato João Maria é um nosso irmão que teve a sua própria cena final, compartilhada com outros milhares naquele momento: a vida inocente arrancada de modo violento em seu fuzilamento diante do muro do cemitério de Silla.

Todos nós conhecemos e estamos voltando a ver ao vivo (embora emocionalmente se reduza a quase estar assistindo a uma ficção, a um filme) pela televisão o aumento de nossa capacidade de crueldade, de dureza objetiva, de criação de violência e tragédias.

Mas ontem, como hoje, há uma razão própria no cristão a quem se tira a vida violentamente. É uma atitude que nasce de sua fé: o perdão àqueles que não o perdoaram. Tal como fez Cristo na cruz.

A morte por ódio à fé, *in odium fidei*, infligida ao beato João Maria da Cruz, e a tantos outros e outras que sofreram martírio naqueles anos 30 do terrível século XX, foi fruto, certamente, de uma terrível confusão, de uma perseguição enlouquecida, de uma repressão que se queria e se acreditava promotora da liberdade. Mas não bastam essas possíveis razões para dar conta de tudo o que ocorreu.

Quando a Igreja foi beatificando cada um, incluindo o Pe. João Maria da Cruz, não fez mais do que proclamar “a bem-aventurança da vida que sobrevive para sempre e eternamente”. E isso soa a ressurreição e a Ressuscitado! E é que, de fato, a Páscoa é subversiva. É infinitamente mais do que o fruto de um ressentimento, de uma reescrita histórica, de um esquecimento injusto ou de um ajuste de contas. Não. É reconhecimento de um amor latente e patente. É reconciliação palpável e “ensinável”. É abertura à gratidão reparadora.

Sim, o beato João Maria da Cruz é mestre de vida cristã e, por isso, de vida dehoniana.

Este futuro aniversário é para nós um convite a celebrar e atualizar a memória de quem morreu amando a Deus, testemunhando sua beleza e, como fez o Senhor Jesus, suplicar a Deus o perdão e a clemência para seus assassinos.

Este aniversário é para nós, nossas comunidades e nossas obras, um convite a despertar e reavivar nossa fé, sempre em risco de permanecer adormecida em uma cômoda mediocridade.

É um chamado a colocar o amor (que é tanto que chega ao perdão, mesmo diante da maior ofensa que é tirar o direito de existir ou de ser si mesmo) e a reconciliação (que repara na verdade e na justiça, geradoras de paz, todas as relações) no centro da tua própria vida religiosa, vivida com simplicidade e ousadia.

E é que isso faz parte de nossa peculiar vocação e estado de vida na e para a Igreja: ser testemunhas eloquentes do verdadeiro amor; abrir fogo (não com fuzis ou drones), para que, como uma cidade sobre o monte, estejamos colocados no candeeiro de nosso tempo, unidos à Luz mais ardente que é Cristo ressuscitado (...ressuscitado de uma morte violenta, mas que viveu no excesso, ou extremo, de amor, na reparação, na reconciliação, na redenção).

Tal como exclama o mencionado bispo, neste próximo ano somos convidados a celebrar uma das paradoxais realidades de Deus, esse segredo pelo qual “uma maldita desventura se converte em bem-aventurança bendita”.

Mas no dia 22 de setembro nos cabe celebrar a memória litúrgica de nosso beato. Fazemo-lo vendo nele um modelo de fé, que é o mesmo que dizer um modelo de amor e de perdão.

Ele é nosso intercessor, o patrono das vocações ao nosso estilo de vida dehoniano.

Ele é lâmpada, pequena e escondida (cabe a nós fazer com que sua luz se engrandeça e sua pequenez se manifeste e seja conhecida), para que nós recebamos do Evangelho... a boa notícia d’Aquele que disse e diz *ecce venio*; o mistério do chamado à verdade do *sint unum* vivido na fraternidade entre nós e com os demais homens; o mistério do trabalho incansável para que venha o seu Reino, ao qual contribuímos com integridade e fé.

O beato João Maria da Cruz é mártir por um único motivo: morreu perdoando. Não temos, até onde sei, registro escrito de seus últimos momentos. Mas sabemos que escreveu com seu sangue a página final de sua vida cristã, religiosa e sacerdotal, conforme à caligrafia do Senhor, aquela que, na Cruz, perdoa seus perseguidores.

Celebrando sua memória e recorrendo à sua intercessão, não pode ser este um bom momento para nos perguntarmos que lugar ocupa o beato em nossa devoção? Seria impossível sonhar com visitas ou peregrinações a Puente, vindas das paróquias que temos confiadas ou de nossas obras educativas? Não terá chegado o momento de criar uma “*Joanada*” ou uni-la, por exemplo, à *Javierada*¹? Ou já, mais pessoalmente: e tu, o que desejas que este aniversário semeie em teu coração? Amanhã é um bom dia para dar uma resposta. Simples; concreta; avaliável; uma resposta que comprometa, iluminada por aquela debilidade que se fez forte, aquela fragilidade que se fez testemunho em nosso irmão.

Beato João Maria da Cruz,
intercede por nós para que Jesus nos envie sua força, seu Espírito,
todos os dias de nossa vida, e assim sejamos testemunhas fiéis da alegre
Esperança,
dia a dia, passo a passo, palavra a palavra, silêncio a silêncio, gesto a
gesto...
Para que “venha o teu Reino”,
Pai nosso, Senhor Jesus, Espírito de Amor,
unidos ao teu servo, o beato João Maria da Cruz,
te dizemos, hoje e sempre: “Aqui estou, ó Deus, para fazer a tua vontade”.
Amém. Aleluia. Sim, vens logo. Vem, Senhor Jesus!

Desejo-te uma feliz celebração da memória de nosso beato, sempre,
in Corde Jesu,

Pe. Juan José Arnaiz Ecker, scj
Superior Provincial ESP

¹ Grande peregrinação popular que acontece em Navarra (Espanha) em honra a São Francisco Xavier (*San Francisco Javier*), padroeiro das missões.